



Nasci no ano de 1994 em Belo Horizonte da união de Dormezinda e Hélio. Ambos do interior de Minas Gerais, cidade de Itaobim – Vale do Jequitinhonha. Minha mãe, morava na zona rural, onde ajudava seus pais nas tarefas agrárias, e foi onde também iniciou sua alfabetização por meio de sua irmã mais velha. Após um tempo foi morar na “cidade” onde o 2º ano do ensino médio, o magistério e dava aulas para crianças na roça. Meu pai, morava na cidade, onde estudou até a 4ª série do ensino fundamental e permanece nesse nível de escolaridade até hoje. Os dois se conheceram, se uniram matrimonialmente e vieram para a capital em busca de uma qualidade de vida melhor, foi onde nasci. Três anos depois nasceu também o meu irmão, um dos maiores inspiradores para meus estudos. Minha infância se deu na região metropolitana de Belo Horizonte, município de Ribeirão das Neves, onde meus pais conquistaram a 1ª casa própria com muito esforço e trabalho. Em casa, minha brincadeira preferida era “brincar de escolinha”, tinha uma pequena lousa, giz de quadro, papéis, lápis de cor e etc. Materiais que eram reabastecidos pelos meus pais constantemente.

Utilizava a imaginação, onde eu era a professora e as bonecas os estudantes. Quando mais velha, ajudava meus primos e meu irmão com os trabalhos escolares deles e a vontade de ensinar se afirmava cada vez mais. Nessa mesma região se iniciou meu processo escolar. Minha mãe deu início a minha alfabetização em casa ainda aos 4 anos. Aos 5 anos, fui matriculada no Núcleo Educacional Anjo Azul, onde concluí o 3º período, conhecido como na época como pré-escola, acredito que foi ali onde nasceu minha vontade de ser professora e trabalhar com a educação infantil. Me lembro de alguns detalhes e dentre eles, o momento de ouvir histórias, era o meu preferido. A professora Alva colocava o CD no rádio e pedia que abaixássemos a cabeça para “viajarmos” para dentro delas. Atividades com tinta e apresentações em datas comemorativas também fazem parte dessas boas lembranças.

No ano seguinte após concluir a pré-escola, fui para a Escola Estadual do Bairro Rosaneves, 1º ano do ensino fundamental. Deste período guardo poucas memórias, ir à biblioteca, folhear os livros e revistas em quadrinho, os recortes de jornais para fazermos “trabalhos” e frequentar a “sala de vídeo” estão entre as mais lembradas. O cheiro do mimeógrafo ao ajudar a professora fazer cópias para a turma ainda está vivo quando fecho os olhos. A partir de então, participava de todas as atividades extras propostas pela escola, desfiles de 7 de setembro, onde representava diversos personagens, como, flor, anjo, água e jogadora de futebol. Apresentações em outras instruções e todas as datas comemorativas. Ler um livro inteiro após a alfabetização foi uma conquista inestimável, e guardo esse primeiro texto presenteado por minha madrinha. O hábito de leitura ganhou força, e diversos títulos me acompanharam e acompanham.

No ano de 2007, minha família se mudou para outro bairro dentro de BH. Fui cursar a 7ª série na Escola Municipal Deputado Renato Azeredo, na época ensino plural que era bastante criticado por ser conhecido como “empurrar o aluno”. Durante os 2 anos que fiquei nessa escola, meu desempenho escolar fora diminuído juntamente com a vontade de estudar, faltar as aulas ficou recorrente, e ainda é uma questão de reflexão para eu tentar entender o motivo á que isso se deu. Os professores da escola pareciam não “se importar” muito com o ensino, me recordo da professora de geografia, onde a única e exclusiva atividade que ela passava era colorir mapas, do professor de matemática que não tinha muita paciência para repetir mais de uma vez o que era “ensinado”, das críticas feitas pela professora de educação física às alunas que não gostavam de fazer a aula dela, entre outros.

Novo ciclo, Escola Estadual Juscelino Kubitscheck de Oliveira, para cursar o ensino médio. O “novo” reacende a vontade de ir para a escola. 3 anos depois, concluindo mais essa etapa percebo que nada mudou. Não sabia o que queria estudar naquele momento, queria ganhar independência financeira e saí do ensino médio direto para o mercado de trabalho. A “pressão” colocada pela família e sociedade de que “você tem que fazer uma faculdade” e a dúvida do que fazer aumentava meu desespero e, diante desse precipício me joguei em um curso técnico de segurança do trabalho. Gostava de estudar, de aprender coisas novas, mas não era o que eu queria, não me identificava com a profissão. E assim, me aventurei em diversos curso, todos com o mesmo fim, concluía, mas não era o que desejava.

Ainda há um caminho a percorrer, há experiências para viver, mas me sinto orgulhosa em ocupar um lugar no qual me dediquei para estar. Sendo a primeira da minha família a entrar em uma universidade pública. Meu objetivo agora, é continuar me dedicando, construindo pensamento crítico, levar um ensino de qualidade para as crianças de escolas públicas de onde eu vim, e não deixar que sejam desmotivados pela educação.